

LINGUAGEM DA INTERNET: um meio de comunicação global *

Fernanda Correa Silveira GALLI

“Os idiomas são palco de mestiçagem e de interculturalidade (...)”
John Robert Schmitz

Introdução

Nas últimas décadas, o desenvolvimento tecnológico das áreas referentes à lexicologia e à terminologia tem demonstrado a importância das atuais pesquisas, estimulando reflexões, com relação a suas convergências e divergências, de modo a envolver os conceitos, as finalidades e os campos de atuação.

Considerando a informática como área técnica, o vocabulário terminológico desta disciplina permite aos locutores falar e entender o mundo e as coisas de forma interativa. Como instrumento da comunicação social, as línguas constituem fonte de ação e de interação humana. Seja pelo interesse de organização de modelos próprios ao fazer discursivo, seja pela natureza dinâmica, as línguas estão em constante transformação, até porque ela é passível de incorporar variações em sistema padrão.

Tendo-se em vista a dinâmica, temos as criações referentes à língua geral, universo neológico, mantendo-se pelos princípios de equivalência sinonímica. Considerando-se o léxico da língua de especialidade, suas características direcionam-se à monossêmia. As propriedades polissemêmicas do léxico da língua geral e a tendência monossêmica da língua de especialidade exigem a padronização, isto é, o padrão de uso, vislumbrando-se pelas necessidades de uma linguagem mais social e/ou mais técnica.

O contexto terminológico, como explica Gaudin¹ (1993), é uma prática e responde pelas necessidades sociais. O avanço da tecnologia permitiu a ampliação e a padronização do léxico, em área de especialidade, de forma a atender a necessidades em situação de uso; uma questão social e histórica. Nesse universo, a Internet tem se tornado um dos meios de difusão de mensagens mais acessíveis e, desse modo, sua linguagem também se propagou e se tornou globalizada.

Esta pesquisa teve, por objetivo, analisar, mesmo que superficialmente, alguns aspectos da linguagem veiculada pela Internet, marcando-se os processos de banalização e/ou vulgarização que a envolvem. Para tanto, seguiram-se os princípios básicos da lexicologia e da terminologia, frente à linguagem do computador, até porque o objeto de estudo centrou-se no vocabulário inserido no contexto da comunicação virtual e globalizada, pertencente a uma área técnica/específica.

O interesse pela pesquisa surgiu das manifestações do uso da terminologia, no campo da informática e, em consequência, o revolucionário uso da Internet, interagente no processo de vulgarização dos termos, uso na área técnica. Enveredar por essa área foi essencial, visto que o vocabulário terminológico determina-se pela reflexão coletiva e interliga-se a um sistema de padronização do uso social, interagindo linguagens.

Pretendemos, com esta exposição, ilustrar o tratamento que vem sendo dado às informações léxico-neológicas, abertas no campo da Internet. Para tanto, a questão da

* O presente trabalho é parte das reflexões desenvolvidas na dissertação de mestrado 'INTERNET – A linguagem da globalização', que, sob a orientação da Doutora Antonieta Laface, foi apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filologia e Linguística Portuguesa na F.C.L. - UNESP/Assis – CNPq, em dezembro de 2002.

¹ In: LAFACE, A., s/d.

globalização foi considerada fator essencial para o contato entre as culturas. De um modo mais específico, a análise neológica foi realizada de forma a situar e a prever a configuração de um vocabulário de uso próprio da linguagem científica, todavia interativo e globalizado, nas diferentes maneiras de se traduzir e de se medianizar as linguagens interagentes no universo do saber. Nesta perspectiva, a questão da leitura dos *sites*, feita pelos usuários informantes, teve caráter primordial.

1. A era da comunicação virtual

O final de século vinte ficou marcado pela aceleração do processo da globalização, derrubando fronteiras, nos vários campos do universo de conhecimento cultural, social e histórico. A chamada globalização tem sido elemento de amplos estudos e discussões, enfatizando múltiplos fatores e manifestando várias tendências, como a divulgação rápida de informações, tanto na área social quanto na técnica.

Nesta perspectiva, afirma Soares (1997)² que,

O maior instrumento da globalização cultural na sociedade tem sido certamente o conjunto das redes de comunicação de massa. A abrangência, extensão e eficácia dessas redes estão na raiz das maiores transformações na virada do século.

Uma das marcas da globalização é a velocidade com que evolui a tecnologia. Desde o seu advento, no final da década de 80, hoje, ainda com mais intensidade, a informática, responsável pelo avanço da tecnologia, tem contribuído para a melhoria da qualidade dos serviços, em todas as áreas de conhecimento, além da rapidez e precisão de dados com que tais serviços são executados.

A rede mundial de computadores, plugados mundialmente, permite ao usuário o acesso a informações do mundo todo. Desse modo, ele troca, armazena e obtém informações globalizadas. Hoje, um adolescente do interior da Bahia é capaz de comprar CDs de músicas em um *site* do sul dos Estados Unidos, assim como um engenheiro, recém-formado na Bélgica, pode encontrar um bom emprego em qualquer outro país europeu, conforme disponibilidade do sistema virtual de informações.

Neste sentido, o desenvolvimento e a utilização da Internet acabaram produzindo, entre seus usuários, uma linguagem própria, repleta de termos típicos, ou seja, todo usuário, de uma maneira ou de outra, acaba compreendendo o conjunto da rede e os termos que determinam seu conteúdo e funcionamento. As expressões, no campo da lexicologia e da terminologia, ultrapassam o contexto cibernético e representam um fator concreto da globalização.

O aparecimento de uma linguagem universal, no seu sentido amplo, é um dos aspectos mais importantes da globalização. Assim, o inglês acabou fixando-se nessa linguagem, envolvendo, também, a padronização das palavras e dos conceitos sociais. Segundo Soares (1997)³, esse talvez seja:

[...] o processo mais eficaz que a história conhece no plano da instauração de uma língua transnacional, ultrapassando modelos imperialistas tradicionais ou processos colonialistas convencionais.

Tratando-se da aquisição rápida da informação, a Internet dispõe de um recurso democrático, que são os chamados links, isto é, ao clicar sobre eles, o computador faz

² Pesquisador com projetos ligados a Cibernética e Linguagem e Sociocibernética na Internet, In: Revista Contracampo, nº1. Mestrado UFF, jul/dez/1997; <http://www.uff.br/mestcii/cc2.htm>.

³ In: Revista Contracampo, nº1. Mestrado UFF, jul/dez/1997; <http://www.uff.br/mestcii/cc2.htm>.

uma busca automática, de uma imagem ou documento, estejam onde estiverem, em qualquer lugar do mundo. E, para isso, não há necessidade de se saber, caso não seja importante, de onde vem a informação e/ou quem a escreveu.

Para Lévy (1996), um texto digitalizado permite novos tipos de leitura: uns textos se conectam a outros por meio de ligações hipertextuais, possibilitando o exame rápido de conteúdo, acesso não linear e seletivo do texto, segmentação do saber em módulos, conexões múltiplas, processo bem diferente da leitura em papel impresso. O autor chama este processo de *continuum* variado, que se desenrola entre a leitura individual de um determinado texto e a navegação em vastas redes digitais, que pode ser realizada por um grande número de pessoas.

Sobre esse aspecto, o autor afirma que:

Um pensamento se atualiza num texto e um texto numa leitura (numa interpretação). Ao remontar essa encosta da atualização, a passagem ao hipertexto é uma virtualização.

Ao utilizar a hipertextualização, o interlocutor tem a oportunidade de ampliar as ocasiões de produção de sentido e enriquecer sua leitura. O hipertexto tem a capacidade de retomar e transformar antigas interfaces da escrita, complementa o autor.

Tratando-se da globalização da economia, há o aparecimento de uma base cultural realmente universal. Dentro desta perspectiva, Sabbatini⁴ dá o exemplo da Coca-Cola, que foi uma das primeiras indústrias multinacionais a se propagar pelo mundo, assim como a livraria virtual amazon.com, que tem mais de um milhão de títulos de livros, na qual é possível pesquisar, usando-se palavras-chave, e comprar com um simples clique do mouse. Não importa onde fica esta livraria, ela pode estar em qualquer lugar, até mesmo num fundo de garagem numa cidadezinha do interior de um país qualquer. Segundo Sabbatini (1996)⁵, para comprar na Internet, basta um cartão de crédito internacional, ou seja, *'é a economia global, plugada na cultura global, e vice-versa'*.

2. A Internet: linguagem interativa e persuasiva

Grande parte dos avanços tecnológicos está no processo evolutivo da comunicação, conduzindo-se para uma maior democratização do saber e da informação. A comunicação virtual introduz um conceito de descentralização da informação e do poder de comunicar. Todo computador, conectado à Internet, possui a capacidade de transmitir palavras, imagens e sons. Não se limita apenas aos donos de jornais e emissoras; qualquer pessoa pode construir um *site* na Internet, sobre qualquer assunto e propagá-lo de maneira simples.

O espaço cibernético tem se tornando um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação e de pensamento humano. Esse espaço abre possibilidades de comunicação completamente distinta da mídia clássica, pois como afirma Lévy (2000:13) *"[...] todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata"*⁶.

Neste sentido, o autor fala de uma tipologia dos dispositivos de comunicação, baseada nas relações entre emissores e receptores, para a melhor percepção das

⁴ Renato M. E. Sabbatini - colunista geral de ciência do jornal "Correio Popular", de Campinas, do Caderno de Informática e, mais recentemente, do Caderno Cosmo (coluna "Conexões"). A partir de 2001, a coluna passou a ser parte integrante do Caderno de Economia, Seção de Informática.

⁵ In: <http://www.epub.org.br/correio/index.html>.

⁶ In: PELLANDA, N. M. C., PELLANDA, E. C. (org.), 2000.

mudanças introduzidas pela Internet. O primeiro modelo, o tipo 'Um e Todos', é representado pelos modernos meios de comunicação de massa, tendo um centro emissor e uma multiplicidade de receptores, no qual a mensagem é divulgada em um único sentido, sem interatividade entre as partes. O segundo dispositivo é o tipo 'Um e Um' que, embora proporcione uma interação perfeita entre as partes, não possui a emergência do coletivo na transmissão da informação, como no caso do telefone. O espaço cibernético introduz o terceiro dispositivo, o 'Todos e Todos', no qual não há distinção entre emissores e receptores, pois todas as partes em contato podem ocupar, concomitantemente, as duas posições, estabelecendo um novo tipo de interação.

Pode-se dizer que a Internet é um meio de comunicação que se enquadra no dispositivo "Todos e Todos". Ela proporciona a interação entre locutor e interlocutor, uma vez que, na rede, qualquer elemento adquire a possibilidade de interação, havendo interconexões entre pessoas dos mais diferentes lugares do planeta, facilitando, portanto, o contato entre elas, assim como a busca por opiniões e idéias convergentes.

Uma prova da eficiência da Internet, em construir esse ideal de propagação de mensagens e opiniões, está na multiplicidade de temas que podem ser encontrados nela. Além dos *sites*, as listas de discussão, que agregam pessoas interessadas em um dado assunto, também merecem consideração. É nesse ponto que a *Net* se sobressai, pois integra e condensa nela todos os recursos de todas as formas de comunicação, como o jornal, por exemplo. Além de apresentar todas as funções do jornalismo, que segundo Beltrão (1960) são *econômica e social, educativa e entretenimento*, ela é um meio de comunicação interativo.

Além disso, há a questão da dinamicidade e da interatividade: o hipertexto, diferentemente de um texto de jornal ou revista em papel, está constantemente em movimento. Sobre este aspecto, afirma Lévy (1993:41),

Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e o olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada.

O hipertexto permite todas as dobras inimagináveis, ou seja, há um movimento constante de dobramento e desdobramento de um texto e/ou das informações. É aqui que se instalam as diferenças entre a interface da escrita (papel) e a interface virtual.

Segundo Koch (2002), todo texto é um hipertexto, partindo do ponto de vista da recepção. Sob sua ótica, tratando-se da relação do hipertexto eletrônico, a diferença incide somente no suporte e na forma e rapidez do acesso.

Para Marcuschi apud Koch (2002:67), o hipertexto é visto como algo totalmente inovador; porém, a novidade se instala na tecnologia, que proporciona a integração de elementos (notas, citações, referências etc.) que aparecem no texto impresso, havendo a linearização do deslinearizado e a deslinearização do linearizado, ou seja, "[...] *subvertendo os movimentos e redefinindo as funções dos constituintes textuais clássicos*". Na visão do autor, trata-se um processo, realizado num novo espaço – o ciberespaço, de leitura/escritura multilinearizado, multisenquencial e não determinado.

A linguagem da Internet tem seus pressupostos que, naturalmente, estão caminhando para um novo modelo de comunicação. A Internet já se transformou num veículo de comunicação com uma linguagem acessível à maior parte dos hiperleitores. Desse modo, há uma exploração dos termos dessa área, os quais são transferidos para o contexto social e divulgados como uma linguagem global.

Assim sendo, as mensagens veiculadas nos *sites* são destinadas a todo tipo de público. No entanto, o locutor precisa estar sempre atento ao emprego de uma linguagem

adequada, uma vez que, “*Não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos*”, afirma Orlandi (2000:101).

Prosseguindo neste eixo, acerca da preocupação do locutor para com seu interlocutor, quando da veiculação das mensagens nos *sites*, fez-se necessário tratarmos, ainda, da questão da persuasão. A *Web* é uma excelente ferramenta para marketing, vendas e publicidade. Porém, isso não se limita apenas à comercialização de produtos, propriamente ditos, mas também aos textos, que podem combinar ilustrações coloridas, trechos de vídeo e som, os quais o interlocutor pode selecionar e percorrer com um simples toque no *mouse*. Em outras palavras, a Internet tem um grande poder mercadológico que pode ser usado, tanto para a realização de vendas de produtos e serviços, quanto para a distribuição de informações, o que não deixa de ser um marketing.

É nesse ponto que entra a persuasão, visto que toda mensagem tem, por trás de si, um locutor que quer persuadir o seu interlocutor (ou interlocutores), fazendo uso de vários recursos de natureza lingüística ou não. Então, um dos aspectos mais importantes a ser considerado na leitura de uma mensagem é que quem a produz está interessado, de alguma forma, em convencer o outro de algo. Desse modo, o locutor ativa todos os recursos possíveis, com a intenção de levar o outro a acreditar naquilo que a mensagem diz e, ainda, fazer aquilo que é proposto. Isso acontece com a Internet, visto que, a todo o momento, os *sites* estão oferecendo alguma coisa aos usuários, como mostram os dados do *corpus*.

Logo, aquele que persuade leva alguém à aceitação de uma dada idéia. Dito de outra forma, a persuasão é o resultado de uma certa organização da mensagem que a constitui como verdadeira para quem a recebe. Segundo Citelli (2000), é isso que desvenda a existência de graus de persuasão: uns mais ou menos visíveis e outros mais ou menos mascarados. Na Internet, essa questão é muito aparente, na medida em que é possível perceber que as mensagens dos *sites* são dotadas de poder persuasivo (umas mais, outras menos), que vão desde cores, ilustrações, forma de apresentação até a linguagem utilizada pelo locutor.

3. Língua de especialidade: caminho para globalização de conceitos

Utilizando-se dos mais variados recursos, acerca da língua e da linguagem, o homem vem, cada vez mais, criando meios para suprir suas necessidades de se comunicar, interagir com o mundo que o cerca e ampliar seus conhecimentos, constituindo, desse modo, um conjunto de linguagens técnicas.

Cada tipo de linguagem tem e apresenta a sua natureza, manifestando-se por diferentes tipos de elementos lingüísticos e, através deles, os extralingüísticos, apontando suas características e especificidades, passíveis de reconhecimento. Neste sentido, a linguagem virtual, abordada nesta pesquisa, não é uma exceção, pois ela apresenta características particulares de uma área técnica e/ou de especialidade, a informática (Internet).

Segundo Carvalho (1973), a linguagem comum é o meio de comunicação de um grupo social, o referencial para os usuários de um idioma, estabelecendo-se como código de comunicação de um povo. E as linguagens especiais são chamadas assim porque, em princípio, são usadas apenas por uma parte da comunidade lingüística, apesar de poderem, posteriormente, serem utilizadas com freqüência pelos demais componentes dessa comunidade.

Existe, por esse caminho, a necessidade de se gerar conceitos, o que tem suscitado a criação de termos e/ou de expressões originais. Este processo de criação está associado à necessidade de designar ‘algo’, de uma forma clara e precisa, utilizando

termos objetivos e de baixa conotatividade, com o intuito de asseverar a exatidão e desviar da ambigüidade dos sentidos.

Para Cabré (1993), a língua geral é um conjunto de regras que pertence ao conhecimento de grande parte dos falantes de uma comunidade, vinculado a ‘*cada situação comunicativa*’, ao passo que a linguagem de especialidade parte de tal sistema para apresentar códigos de um determinado campo específico. Porém, há uma relação de intersecção entre ambas, como afirma a autora (1993:151):

*O código que os unifica é a língua comum; o que os diversifica é o da língua especializada precisa. Ambos códigos, pois, se encontram em relação de intersecção.*⁷

Essa intersecção também ocorre na linguagem virtual, pois a linguagem dos *sites* em inglês conduz à globalização, e a dos *sites* em português indica a individualidade do conhecimento e da cultura de um povo. Desse modo, a linguagem virtual possibilita ao indivíduo participar e inteirar-se dos acontecimentos sociais e universais, visto que ele está em contato com uma linguagem globalizada, conhecida também por culturas diversas. Trata-se de uma unificação e disseminação de conhecimentos, para que se tenha uma linguagem universal e comunicativa, considerando-se que o homem estará construindo a sua própria história, assegura Laface⁸.

Na concepção de Andrade (1998:189), a lexicologia é:

O estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança.

Ela tem por meta a definição de um vocábulo, caracterizando-o funcional e semanticamente, ou seja, tem por função decodificar. A lexicologia pode ser definida, então, como a disciplina que engloba a linguagem comum.

Quanto à terminologia, Andrade (1998:189-92) a define como:

Uma ‘especificidade’ da lexicologia, uma vez que trata, não de todas as palavras da língua, mas daquelas que constituem as linguagens especializadas.

Ao contrário da lexicologia, ela tem a função de codificar, uma vez que seu objetivo é nomear um fato, uma noção ou conceito.

A terminologia técnica/científica é produto dos tempos atuais, considerando-se os critérios científicos, a partir dos anos 30, graças ao trabalho de Wüster⁹ (1981) que, desde então, tentou elaborar as bases teóricas dessa disciplina que, hoje, deve ser considerada como a ciência da linguagem de informação técnica e de especialidade.

Sob ótica de Cabré (1993:52), essa disciplina é vista como:

*[...] um estudo do conceito e dos sistemas conceptuais que descrevem cada matéria especializada; o trabalho terminológico consiste em representar esse campo conceptual, e estabelecer as denominações precisas que garantirão uma comunicação profissional rigorosa.*¹⁰

⁷ “El código que los unifica es la lengua común; el que los diversifica, el de la lengua especializada precisa. Ambos códigos, pues, se hallan en relación de intersección”. Cabré, *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*, p. 151.

⁸ Artigos utilizados nas aulas de pós-graduação e em vias de publicação – s/d.

⁹ In: CABRÉ, M. T., 1993.

¹⁰ “[...] un estudio del concepto y de los sistemas conceptuales que describen cada materia especializada; el trabajo terminológico consiste en representar ese campo conceptual, y establecer las denominaciones

A autora afirma, também, que a terminologia é uma matéria interdisciplinar, que se define em relação a outras matérias, das quais empresta um conjunto específico de conceitos. Nesta perspectiva, Wüster define a terminologia, que tem, como objeto de base, as palavras especializadas (termos) da língua, como uma matéria que está imbricada com a lingüística, a ciência cognitiva, a ciência da informação, da comunicação e da informática (veículo de comunicação).

Segundo Werner¹¹ (1982), a rápida evolução das profissões, da ciência e da tecnologia tem contribuído para que o século XX seja marcado pelo fato de que a diferenciação lingüística não seja resultado do espaço, nem dos distintos campos sociais, mas da formação e do desenvolvimento de diversos tecnoletos¹² que possam dar conta das especificidades de cada grupo social, da sua natureza e característica.

Para o autor, a diferenciação entre a língua comum e a especializada deve ser aplicada, mediante a necessidade de uso. A linguagem técnica determina-se partindo do campo de aplicação e, por isso, não importa se se trata de um grupo regional ou social a que possa pertencer o falante. No vocabulário da linguagem técnica, como o da Internet, há expressões que apresentam significados próprios da língua de especialidade. Porém, essa linguagem configura-se como técnica até certo ponto, visto que tal vocabulário é colocado em uso ao ser transportado para a linguagem comum, o que resulta em tradução e mobilização democrática.

O léxico da língua está, constantemente, se expandindo. Essa expansão acontece por meio da neologia, processo de criação de novas palavras, que parte das regras de produção existentes no sistema lexical. Para Barbosa (1996), o produto da neologia é o neologismo, uma nova unidade que alcança todos os níveis da língua (fonológico, morfológico, sintático, lexical, até mesmo o contexto enunciativo do discurso).

Diferentemente da língua comum, os neologismos da língua de especialidade (tecnoletais), segundo Alves (1998:25), “[...] resultam de uma criação motivada, ditada pela necessidade de denominação inerente ao desenvolvimento das ciências e das técnicas”. Para a autora, isso faz com que os neologismos terminológicos tendam para a função referencial, junto a certo objeto de estudo.

A criação de um signo (ou a sua recriação) acontece, em virtude das necessidades de comunicação da sociedade ou de um novo contexto social. Essas criações podem ser objetos de aceitação ou de rejeição, por parte da comunidade lingüística. Porém, “As exigências de adequação e aceitabilidade apagam-se, diante da pressão das necessidades de uso, enquanto manipulação, orientada para o código oral”, afirma Laface¹³.

Para Mopoho (1996)¹⁴, é surpreendente se constatar a presença dos fenômenos que caracterizam a língua geral, manifestados nas línguas de especialidade como, por exemplo, a criação lexical no discurso da Internet. Nota-se a presença de um recurso sistemático, dado aos procedimentos da criação neológica que são a modificação do sentido de certas palavras (neologia de sentido) e a criação de formas novas (neologia de forma), obtidas por atos de composição ou de agregação e, sobretudo de empréstimo.

precisas que garantizarán una comunicación profesional rigurosa”. Cabré, *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*, p. 52.

¹¹ In: LAFACE, A., s/d.

¹² O conceito de *tecnoleto* é freqüentemente denominado *língua de especialidade*, forma decalcada no francês *langue de spécialité*. Como essa designação tem sido muito criticada pelo uso impróprio do termo *língua*, ela tende, por isso, a ser substituída por *tecnoleto*. Alves, *Neologia e tecnoletos*, 1998.

¹³ Artigos utilizados nas aulas de pós-graduação e em vias de publicação – s/d.

¹⁴ In: LAFACE, A., s/d.

É simples constatar que as expressões de criação lexical provêm da Língua Inglesa, pois grande parte dos cruzamentos traz, para a Língua Portuguesa, termos importados do inglês, com adaptações ou, até mesmo, com a forma original.

Vale ressaltar, ainda, que toda criação lexical passa por duas fases. A primeira refere-se ao aparecimento do neologismo num determinado quadro enunciativo; a segunda acontece na ocasião em que ele é apreendido, aceito e registrado pelos falantes do grupo social. Ao passar da primeira fase para a segunda, o neologismo deixa de pertencer ao campo da fala e passa a referir-se à classe de neologismo de língua. A partir de sua verdadeira aceitação, a unidade deixa seu caráter neológico e une-se às demais unidades lexicais. Contudo, só é considerada definitiva ao ser dicionarizada, deixando de ser um neologismo, passando a ser vocábulo de uso da língua.

As novas criações e inserções lexicais são permitidas pela língua porque o léxico é um campo aberto e ilimitado, passível de alterações de significado, empréstimos e criações de caráter neológico, as quais decorrem da necessidade de se nomear os avanços tecnológicos e as novas conquistas humanas.

A formação do léxico da informática (Internet), por exemplo, passa pela criação, pela aceitação e pela vulgarização e/ou banalização, ou seja, por alguém que cria, de forma a situar a comunidade que, mediante aceitação e popularização deste termo, coloca-o em freqüente uso. Neste sentido, ao considerarmos a linguagem da Internet como sendo globalizada, devemos esclarecer dois fatores importantes: a necessidade de normalização da terminologia e o processo de banalização dos termos.

Na teoria, a terminologia preocupa-se com a denominação das noções, do léxico especializado e de todas as suas implicações, atesta Andrade (1998). Já na prática, a linguagem especializada é utilizada como meio de expressão e comunicação profissional. Logo, a aplicação de uma terminologia adequada possibilita, mesmo àqueles que não dominam totalmente o idioma empregado, o entendimento de um texto técnico-científico (especializado).

Este fato pode ser comprovado nesta pesquisa, visto que a maioria dos *sites* da *Web*, embora apresente palavras e expressões inglesas, consegue proporcionar aos seus usuários a compreensão das mensagens veiculadas. Assim, é possível que tal linguagem seja considerada como normalizada, já que se trata de uma linguagem globalizada, no sentido de ser veiculada universalmente da mesma forma. Isso significa dizer que os termos e expressões são denominados de forma equivalente em qualquer lugar do mundo, nos mais diversos países.

Atribuir uma forma a um item lexical é simples, o difícil é especificar os limites do conceito ao qual ele se refere. Com relação à norma social atuando sobre a língua, os indivíduos podem interpretar os conceitos, conforme o seu grau de conceptualização da realidade. Entretanto, é recomendável a normalização terminológica, como forma de garantir a univocidade do significado e do uso do termo científico, pois a padronização dos termos permite que a comunicação lingüística atinja a eficácia desejada.

O processo de banalização pode aparecer como sinônimo da vulgarização, como o adotamos aqui. Porém, segundo Barbosa (1996), os termos *banalização*, *vulgarização* e *popularização*, embora sejam adotados como sinônimos, numa análise semântica mais cuidadosa, é possível perceber que seus significados não são idênticos, que se tratam de processos distintos.

A propósito deste assunto, Andrade (1998:18) afirma que:

“A banalização é o processo pelo qual um termo técnico-científico-especializado passa a ser denominado pelo seu equivalente na linguagem comum ou na popular”.

Porém, nesta pesquisa, optou-se por uma concepção diferente da descrita por Andrade, isto é, tratamos a banalização/vulgarização no “sentido de difusão de conhecimentos técnicos-científicos”, como atribuída por Galisson¹⁵ (1978).

O processo de banalização tem, também, a finalidade de promover uma melhor comunicação entre especialistas e não-especialistas e/ou leigos. Neste sentido, afirma Barbosa apud Andrade (1998:21) que:

a banalização permite, dentre outros aspectos, a comunicação entre o leigo e o especialista, e funciona, também, para o iniciante, como instrumento de acesso a um novo Universo de Discurso.

Sobre este ponto de vista, Auger¹⁶ (1993) também assevera que a terminologia constitui, para os especialistas, vocabulário essencial de eficácia comunicativa e, para o público, não passa de um conjunto de termos especializados que dificulta a mobilização de informações. Para este, constitui-se uma língua elevada que protege os mistérios do saber e, para aqueles, é uma das chaves do progresso que permite aceder ao mundo da ciência e da tecnologia. Por esse motivo, há uma contínua preocupação dos especialistas em divulgar e popularizar a linguagem técnico-científica, tornando-a acessível ao público, a fim de superar os obstáculos terminológicos existentes.

Diante de uma grande variedade de linguagens (técnica, comum, vulgarizada/banalizada) percebe-se que cada uma corresponde às finalidades específicas das várias situações de comunicação. Daí, a importância de todo falante estar apto a compreender tais linguagens, como forma de enriquecer o seu vocabulário com as linguagens comum e de especialidade e de ganhar “[...] *precisão nos mecanismos de substituição automática dos vocábulos, na passagem de um universo de discurso a outro*” (Barbosa, 1996:631).

4. Caracterização da linguagem virtual

O processo de vulgarização e/ou banalização de vocábulos da área científica, com a difusão da informática, linguagem digital em uso, teve atenção principal nessa pesquisa. Os questionários respondidos pelos informantes, a respeito da linguagem virtual (veiculada nos *sites*), fizeram parte do *corpus* de análise. Tais informantes foram selecionados de forma aleatória, ou seja, o universo da pesquisa não se restringiu a um determinado tipo de público. Nas investigações, salientamos a validade e a legitimidade das informações que perpassam os horizontes da mundialização da linguagem, enquanto instrumento do saber.

Para uma melhor organização dos dados, o *corpus* foi constituído por categorias temáticas (temas e subtemas), com base em Robin (1973). Os dados foram reciclados e divididos em quatro etapas, sendo que, em duas delas, três foram agrupadas em subtemas. Em seguida, os dados foram analisados, com o objetivo de verificar a difusão e a compreensão da linguagem da Internet pelos usuários, e a configuração dessa linguagem como globalizada. Num terceiro momento, os dados foram cruzados, por grupos, com o intuito de legitimar ainda mais a pesquisa. Após essas etapas, apresentamos um esquema, como forma de constituir uma tipologia que caracterize a linguagem da Internet e a satisfação das necessidades do usuário.

No primeiro tema, “*Função da Internet: tipo de uso*”, foi possível constatar que a maioria dos informantes utiliza esse meio de comunicação por necessidade e também para se divertir.

¹⁵ In: ANDRADE, A. A., 1998.

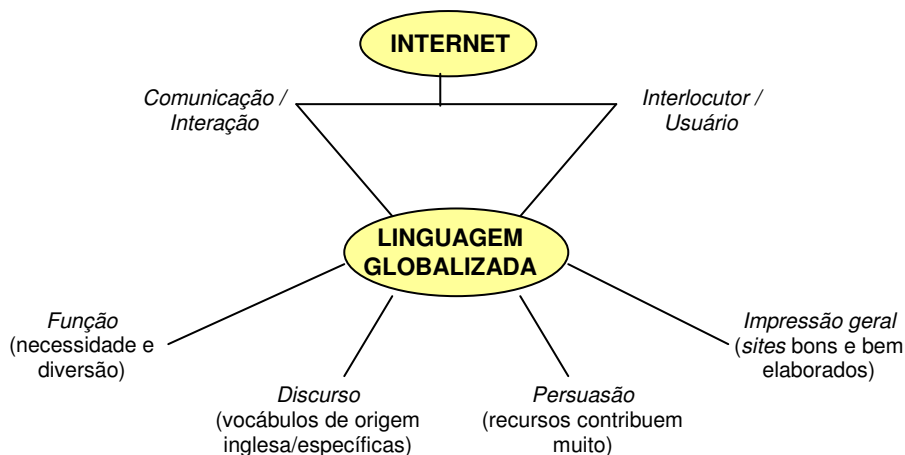
¹⁶ In: LAFACE, A., s/d.

O segundo tema, “*Discurso: expressão do sentido das palavras*”, engloba três subtemas: ‘presença de palavras estranhas’, ‘definição das palavras’, ‘aparecimento de palavras inglesas/específicas’. Todos eles, de uma forma geral, estão atrelados à questão do sentido das palavras inglesas e/ou específicas que aparecem nos *sites*. Como resultado, em síntese, surgiram as seguintes respostas: apesar do estranhamento que algumas palavras causam, além da relativa dificuldade de compreensão, a maioria dos informantes já está habituada, define as palavras de alguma forma e não deixa de entender as mensagens por conta delas.

No terceiro tema, “*Persuasão: dialogia / interação*”, há outros três subtemas: ‘recursos utilizados’, ‘convencem a comprar algo’, ‘contribuição das palavras’. O objetivo, neste tema, foi saber como os informantes vêem a questão da persuasão, bem como verificar a interação interlocutiva. Segundo a maioria dos informantes, os recursos dos *sites* são bem empregados (cores, linguagem, ilustração) e quase sempre convencem a comprar algo. Tais fatos mostram que, além de veicular mensagens persuasivas, a Internet é um meio de comunicação interativo.

No quarto tema, “*Impressão geral da Internet: sites -> linguagem virtual -> globalização*”, os dados revelaram uma compilação de todos os outros temas e subtemas, ou seja, que os *sites* são bem elaborados, de fácil acesso e entendimento, mas alguns deixam a desejar e precisam ser melhorados. Além disso, a presença das palavras inglesas foi citada, por alguns informantes, porque dificulta a compreensão das mensagens, porém não impede a compreensão da mensagem.

Por meio da análise e discussão dos resultados, constatamos a presença dos dois primeiros elementos vinculados à Internet: *Comunicação / Interação* e *Interlocutor / Usuário*; e, ainda, um terceiro elemento que simboliza o objeto de interesse de nossa pesquisa: *linguagem da globalização*. Vinculados a este último, estão os quatro temas que fazem parte da constituição de uma tipologia, a qual caracteriza a linguagem da Internet e satisfaz as necessidades do usuário, enquanto interlocutor, conforme esquema abaixo:



Como parte da pesquisa, organizamos ainda um pequeno glossário de termos referentes à Internet, processo que foi motivo de surpresa em virtude de grande parte dos termos já estar dicionarizado (dicionários da língua geral e específica), o que significa que

já passaram por seu momento de aceitação e foram incorporados, deixando de ser um neologismo, transformando-se em vocábulo da língua.

Para a elaboração deste glossário, foram utilizados dois dicionários, um da Língua Portuguesa (*Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*), e outro de Informática (*Dicionário Compacto de Informática*). No Dicionário Aurélio – Século XXI, por exemplo, já se encontram registrados os termos *e-mail, site, web, chat, net, link, backup, hacker, homepage, html, on-line, off-line, login, logoff, network, interface, internet*, como empréstimos; *digitalizar, deletar, acessar, anexar, clicar, inicializar, navegar, escanear*, como empréstimos adaptados a formas de derivação; *disquete, hipertexto, mídia, hipermídia, ícone, navegador, servidor, protocolo, vírus*, como empréstimos traduzidos, entre outros.

5. Considerações finais

Com base na análise do *corpus*, evidenciamos que os termos e/ou expressões veiculados na Internet (termos) já estão difundidos e incorporados na linguagem do dia-a-dia, não havendo mais estranheza por parte dos interlocutores. Contudo, para alguns informantes, ainda se trata de uma linguagem um pouco difícil, para quem não sabe o inglês, visto que a maioria dos termos é de origem inglesa. Tal fato, entretanto, não significa, categoricamente, que as mensagens não sejam compreendidas.

Na investigação, a linguagem mostrou-se essencialmente funcional, no sentido de construir sentidos por meio das escolhas lexicais, assim como através do contexto. Na verdade, as pessoas usam e acabam incorporando tal linguagem para se interagir socialmente, e, talvez, mais por uma questão de necessidade, ou até de imposição social. Neste sentido, a interação e a persuasão também são aspectos que se fazem presentes nesta linguagem, da mesma forma que em outros meios de comunicação.

A linguagem da Internet constrói-se, a partir da língua comum, adaptando vocábulos e, em grande parte, por meio de empréstimos da língua inglesa. Desse modo, talvez seja possível dar, como certo, o fenômeno da globalização, principalmente no que se refere aos aspectos econômicos e comerciais. Conseqüentemente, a globalização lingüística, em favor da língua inglesa, parece-nos ser uma realidade neste final de século, sobretudo pela chegada de novas tecnologias da informação e da estruturação de uma economia aberta de mercado global.

Neste sentido, afirma Bagno¹⁷ (2001), não há como impedir a disseminação dos termos ingleses na área da informática, pois isso impediria a entrada, no país, de tudo que se refere à área (equipamentos, programas, computadores e toda a tecnologia a qual tais termos vêm aplicados).

6. Referências Bibliográficas

ALVES, I. M. Neologia e tecnoletos, In: OLIVEIRA, A. M. de., ISQUERDO, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p.23-29.

_____, I. M. Questões epistemológicas e metodológicas em terminologia, In: *Anais do 1º Encontro do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*, Recife: Fac. Letras/UFRJ, 1998. p.95-106.

ANDRADE, M. M. Conceitos/Denominações nas línguas de especialidades e na língua geral, In: *Acta Semiótica et Lingüística. Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística – SBPL*. São Paulo: Plêiade, 1998, v.7. p.9-24.

¹⁷ In: FARACO, C. A. (org.), 2001.

_____, M. M. Lexicologia e terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais, In: OLIVEIRA, A. M. de., ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p.189-198.

AUGER, P. La problématique de l'aménagement terminologique au Québec. In: *Terminogramme*, 13, 1982. In: LAFACE, A. *Compilação de textos* (Artigos utilizados nas aulas de pós-graduação e em vias de publicação – s/d). Assis: FCL/UNESP.

BAGNO, M. Cassandra, Fênix e outros mitos, In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos – guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001. p.49-83.

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções, In: *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. Ieda Maria Alves (Org.). – (Cadernos de Terminologia, 1), São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1996. p.23-45.

BELTRÃO, L. *Iniciação à filosofia do jornalismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

CABRÉ, M. T. *La terminología – Teoría, metodogía, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CARVALHO, J. G. Herculano de. *Teoria da Linguagem - natureza do fenômeno lingüístico e análise das línguas*. Tomo I. Coimbra: Atlântica, 1973.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 15ª ed. – SP: Ática, 2000.

FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos – guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

FERREIRA, A.B.H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. – 3ª ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GALISSON, R. Recherches de lexicologie descriptive: la banalisation lexicale, Paris, Nathan, 1978. Cap. 3 e Conclusão. p. 245-416. In: ANDRADE, M. M. Conceitos/Denominações nas línguas de especialidades e na língua geral, In: *Acta Semiótica et Lingüística. Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística – SBPL*. São Paulo: Plêiade, 1998, v.7. p.9-24.

GAUDIN, F. Conferência Inaugural – Implantations des Termes Officiel. In: *Terminologies Nouvelles*, vol. 12, Rouen, Actes du Seminaires, dezembro, 1993. In: LAFACE, A. *Compilação de textos* (Artigos utilizados nas aulas de pós-graduação e em vias de publicação – s/d). Assis: FCL/UNESP.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LAFACE, A. *Compilação de textos*. (Artigos utilizados nas aulas de pós-graduação e em vias de publicação). Assis: FCL/UNESP, s/d.

_____. A. Definição do vocabulário terminológico no universo acadêmico: reflexões didático-pedagógicas, In: OLIVEIRA, A. M. de., ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p.235-245.

LÉVY, P. *O que é o virtual?*. Trad. Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____, P. *As tecnologias da inteligência – O futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MOPOHO, R. Empréstimo e Criatividade Lexical no Discurso da Internet. ALFA, 09/1996. In: LAFACE, A. *Compilação de textos* (Artigos utilizados nas aulas de pós-graduação e em vias de publicação – s/d). Assis: FCL/UNESP.

OLIVEIRA, R. da S. *Dicionário Compacto de Informática*. São Paulo: Rideel, 1997.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez, 2000.

PELLANDA, N. M. C., PELLANDA, E. C. (Orgs.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p.13-20.

ROBIN, R. *História e Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

SABBATINI, R. M. E. Internet, globalização e cultura, In: *Jornal Correio Popular*, Campinas, 09/1996. Disponível em: <<http://www.epub.org.br/correio/index.html>>.

SOARES, D. A Globalização numa perspectiva sociocibernética, In: *Revista Contracampo*, nº1. Mestrado da UFF, jul/dez/1997. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/cc2.htm>>.

WERNER, R. et al. La Lexicografía – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Editorial Gredos, 1982. In: LAFACE, A. *Compilação de textos* (Artigos utilizados nas aulas de pós-graduação e em vias de publicação – s/d). Assis: FCL/UNESP.

WÜSTER, E. L'Étude scientifique générale de la terminologie, zone frontalière entre la linguistique, la logique, l'ontologie, l'informatique et le sciences des choses. En: RONDEAU, G.; FELBER, H. (red.), 1981. In: CABRÉ, M. T. *La terminología – Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.